

SER POETA
IMAGENS DA METAPOESIA EM FLORBELA ESPANCA¹⁶

André Luiz Alves Caldas Amóra (PUC-Rio)

Florbela Espanca, poetisa pertencente ao Modernismo português, apresenta em sua poesia uma vertente neo-romântica, marcada pelo erotismo, sensualidade e pela ânsia de liberdade de expressão, além de privilegiar a riqueza do léxico, numa linguagem que explora os símbolos e as imagens sugestivas. A poesia de Florbela utiliza-se de jogos de palavras e metáforas, dentre outras figuras de linguagem, do ponto de vista formal. Já no que se refere à temática, notam-se traços como a investigação do eu-lírico acerca do processo de criação literária, além de interrogações de cunho existencial.

Desse modo, nosso estudo procura refletir sobre a metapoesia presente na produção literária florbeliana, buscando assinalar as imagens concernentes ao fazer poético na poesia da referida escritora.

Inicialmente, analisaremos a figura do poeta na obra de Florbela e, em seguida, procederemos à análise do próprio fazer poético que, nos poemas florbelianos, se apresenta através de uma incessante busca da plenitude da criação artística. Em *Poetas*, poema integrante do livro *Trocando olhares*, o eu-lírico reflete acerca da incompreensão sofrida por aqueles que dão título ao texto:

Ai as almas dos poetas
Não as entende ninguém;
São almas de violetas
Que são poetas também.

Andam perdidas na vida,
Como as estrelas no ar;
Sentem o vento gemer
Ouvem as rosas chorar!

¹⁶ Trabalho apresentado no VI CELERJ, na Faculdade de Formação de Professores, no mês de junho de 2005.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Só quem embala no peito
Dores amargas e secretas
É que em noites de luar
Pode entender os poetas.

E eu que arrasto amarguras
Que nunca arrastou ninguém
Tenho alma pra sentir
A dos poetas também!

(ESPANCA, 2002: 23)

Logo nos primeiros versos, a imagem da incompreensão sofrida pelos poetas é notada. Quando o eu-lírico diz: *Ai as almas dos poetas / Não as entende ninguém*, a aproximação de *violetas* – símbolo de luto ou de semiluto nas sociedades ocidentais – com os *poetas* é percebida, evidenciando, assim, a profunda melancolia vivida por eles devido a esse não-entendimento.

Nota-se na segunda estrofe que as *almas dos poetas andam perdidas na vida*, porém são *como as estrelas no ar*, que iluminam com sua luz própria as trevas do mundo terreno e material. A sensibilidade das *almas poéticas* é evidenciada em seguida, quando são sentidos e ouvidos o gemer dos ventos e o chorar das rosas, respectivamente:

Andam perdidas na vida,
Como as estrelas no ar;
Sentem o vento gemer
Ouvem as rosas chorar!

(Espanca, 2002: 23)

A sensibilidade das almas poéticas é confirmada nas duas últimas estrofes, nas quais o eu-lírico afirma que somente aqueles que trazem no peito *dores amargas e secretas* podem entender os poetas. O eu-lírico coloca-se como capaz de tal, uma vez que traz consigo as piores amarguras:

Só quem embala no peito
Dores amargas e secretas
É que em noites de luar
Pode entender os poetas.

E eu que arrasto amarguras
Que nunca arrastou ninguém
Tenho alma pra sentir
A dos poetas também!

(ESPANCA, 2002: 23)

Um dos aspectos relacionados à metapoesia em Florbela diz respeito à imagem do eu-lírico enquanto poeta. O poema *Ser poeta*,

DEPARTAMENTO DE LETRAS

do livro *Charneca em flor*, apresenta a preocupação quanto ao sentido da existência, e o próprio título parece indiciar e sintetizar o que a figura do poeta representa:

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
E ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não ter sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, e ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

(ESPANCA, 2003: 75)

Logo na primeira estrofe, percebemos a superioridade decorrente do fato de se ser poeta, pois quando o sujeito lírico afirma que *morde como quem beija*, demonstra a capacidade de transformação do bruto e doloroso em algo singelo e suave – como uma espécie de poder alquímico, que transforma o metal vil em ouro. Quando são aproximados os sintagmas *mendigo* e *rei*, notamos a presença dos arquétipos do desvalido e do todo-poderoso, que aqui aparecem reformulados, uma vez que aquele – que vive em miséria – tem o poder de dar o que poderia ser dado apenas por um rei. O seu reino, neste caso, possui a riqueza da criação e da imaginação, *que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente* – como nos conhecidos versos pessoanos.

Na segunda estrofe, notamos a plenitude do poeta quando o eu-lírico diz ter o esplendor de mil desejos, porém sem nem saber ao certo o que é desejado. Este esplendor confere a ele uma transcendência, isto é, a superação de sua condição humana, vista nas imagens do *astro que flameja* ou do *condor*. Além de o poeta irradiar luz própria, identifica-se com a figura do condor, que tem como principais características o seu voar mais alto e a sua solidão:

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É ter de mil desejos o esplendor
E não ter sequer que se deseje!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

(ESPANCA, 2003: 75)

No primeiro terceto deste soneto, é clara a ânsia de se alcançar a plenitude, quando o poeta diz ter *fome e sede de Infinito*. Podemos dizer que o *ser poeta* é viver em constante batalha, e que o elmo – espécie de capacete utilizado por guerreiros em tempos anteriores – simboliza a arma mais preciosa: a imaginação. Logo em seguida, verificamos que tal batalha – a da escrita – tem o que é de mais valioso e suave, quando surgem as imagens do *oiro* e do *cetim*:

É ter fome, e ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim...
É condensar o mundo num só grito!

(ESPANCA, 2003: 75)

A questão da plenitude é novamente enfocada no último verso da terceira estrofe. Neste caso, há a presença de uma espécie de grito poético, em que o sujeito lírico afirma que ser poeta *é condensar o mundo num só grito*, alcançando, assim, a plenitude da expressão. No último terceto, a assertiva *é seres alma, e sangue, e vida em mim* representa a fusão do espírito e do corpo, evidenciando-se a plenitude do sentir e do viver. Vale ressaltar que a *alma* pode ter também a conotação do princípio da vida e o *sangue* o veículo, sugerindo a totalidade existencial do ser poeta. No verso *E dizê-lo cantando a toda a gente!*, o eu-lírico nos faz crer que não basta trazer a síntese do que é abstrato e concreto, e sim transformá-la em poesia, pois, além de sentir em plenitude e com totalidade, dá conta disso na expressão poética:

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

(ESPANCA, 2003: 75)

A ânsia de plenitude aparece mais uma vez no poema *Vaidade*, do *Livro de Mágoas*. Partindo do próprio título do poema, podemos aproximar tal vaidade de um desejo, o de ser a *Poetisa eleita*:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
E quando mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho... e não sou nada!

(ESPANCA, 2003: 23-24)

Notamos, na primeira estrofe, a presença da subjetividade, da idealização e da fantasia da poetisa. O verso *Sonho que sou a Poetisa eleita* nos faz perceber o desejo de atingir a plenitude da expressão escrita, além de marcar um sujeito poético em primeira pessoa e que tenta se afirmar a partir do sonho.

A imagem do sonho persiste nas estrofes seguintes, quando a poetisa almeja que seus versos sejam sublimes, que tenham *claridade para encher todo o mundo* e, que emocionem e deleitem a todos, mesmos aos mais melancólicos:

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

(ESPANCA, 2003: 23)

Observe-se ainda que as inquietações do eu-lírico sugerem uma reflexão sobre o papel da poesia e sobre a recepção da obra de arte pelo público. Surge, então, o desejo de se sentir *Alguém* importante *cá neste mundo*, confirmando o propósito de se utilizar a palavra *vaidade* como título:

Sonho que sou alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

(ESPANCA, 2003: 23)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Depois de enumerar todos os seus sonhos, do mais simples ao mais sublime, o sujeito lírico constata sua própria condição: *o nada*. O último verso do poema inicia-se com o *acordar*, opondo-se ao *sonhar* tão reiterado anteriormente, e o nada, a tudo o que se queria alcançar.

Em *Tortura*, poema também pertencente ao *Livro de Mágoas*, notamos a melancolia e o sofrimento do ser poético por não conseguir alcançar a plenitude de sua criação artística:

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
– E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!...

Sonhar um verso de alto pensamento,
E puro como um ritmo de oração!
– E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ociosos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

(ESPANCA, 2003:25)

As duas primeiras estrofes apresentam uma espécie de simetria, em que se tem de início um desejo: o de *tirar dentro do peito a Emoção, a lúcida Verdade, o Sentimento*, num processo que, ao ser externalizado, acaba por se diluir, num *punhado de cinza esparso ao vento / pó, nada, sonho dum momento*. O anseio presente nos dois primeiros versos de ambas as estrofes contrasta com a decepção de não realizá-lo, decepção vista nos dois últimos versos das referidas estrofes.

A frustração apresentada nas estâncias anteriores é sintetizada na primeiro terceto do poema, em que o eu-lírico constata a sua incapacidade de representar todas as suas emoções:

São assim ociosos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

(ESPANCA, 2003:25)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

A falta de conteúdo e a simplicidade – para não dizer rusticidade – de sua criação poética são vistas na imagem de versos *ocos* e *rudes*. Note-se que essa imagem se confirma pelos sintagmas *rimas perdidas / vendavais dispersos*, demonstrando a impotência sentida pelo eu-lírico.

O último terceto refere-se ao desejo de perfeição no que tange ao fazer poético:

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

(ESPANCA, 2003:25)

O querer *encontrar o verso puro* – tema central deste poema – retoma a idéia do desejo de que seus versos sejam sublimes, como visto em *Vaidade*. Porém, aqui não se apresenta apenas como um sonho, mas também como gerador de profunda melancolia. O verdadeiro anseio do eu-lírico é o de conseguir a expressão exata de seu sentimento: *que dissesse, a chorar, isto que sinto*.

Enfim, a preocupação com o *fazer poético* nas poesias aqui estudadas cultiva uma reflexão, uma atitude de questionamento e uma tentativa de tradução do sentimento. A poesia de Florbela Espanca caminha para a fusão da vida e da poesia, numa incessante busca da plenitude artística.

BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ESPANCA, Florbela. *Poesia de Florbela Espanca*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

———. *Sonetos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.